Vida Internacional

O que é o imperialismo — Nações imperialistas — O problema demografico europeu

Os leitores da *Revista Portugueza* são todos pessoas cultas e vezadas na tecnologia politica internacional. Sabem, pois, perfeitamente o que é o conjuncto de factos e tendencias da politica d'uma nação e mais ainda d'uma raça, a que é uso apôr-se a denominação um pouco generica de *imperialismo*.

Sabem tambem que esta politica e esta palavra, no sentido em que hoje se entendem, são de origem ingleza. Foi a Gran Bretanha que deu voga á politica imperialista — a politica d'uma estreita ligação militar, maritima e economica entre a metropole e as comunidades politicas d'ela derivadas e que constituem, por esse vasto globo, os magnificos dominios de *John Bull*.

Mais ou menos todos os grandes estados modernos tem sido imperialistas. Uma vehemente necessidade de expansão e o estreitamento de intensas relações comerciaes com as possessões extra-metropolitanas caracterisou a politica europeia da segunda metade do seculo XIX.

A França possue um grande imperio colonial a que a monarchia de Julho deu a possessão mais valiosa: a Argelia. E, no mapa, as côres francezas ocupam a maior parte da Africa Central, o Camarão, o Congo, Madagascar, o Tonkin, etc.

A Inglaterra domina os mares e a maior parte do globo: o Canadá, a Guyana, a Costa do Ouro, a Nigeria, uma extensissima região do Continente negro, que começa no Egypto dos Pharaós e termina no Cabo da Boa Esperança, a Mesopotamia, a India, a Australia, a Nova Zelandia, etc.

A Italia, nação cheia de vida, com uma população cres-

cente, impossivel de conter no territorio pobre e gasto da metropole, creou já um imperio na Africa septemtrional, com a Tripolitana, a Somalilandia e a Erithreia.

A Alemanha, que se fez grande nação quando já o globo estava repartido pelos grandes povos, teve que obter por compra, cedencia ou tratado alguns pedaços da Africa e da Oceania, que a guerra fez acrescentar ao magnifico imperio de *John Bull*.

A Russia, no tempo dos Czares, fôra alargando as suas fronteiras na Asia, onde se chocou com o imperialismo niponico. Os Estados Unidos alargaram notavelmerte a sua influencia, não só na America, mas em todo o mundo e a *Star Spangled Banner* fluctua no extensissimo territorio da União e em dois archipelagos ricos do Pacifico.

Tudo isto é velho relho para os leitores da *Revista Portugueza*. Parece-me todavia importante recorda-lo á guisa de prologo dos comentarios que se seguem.

A guerra destruiu muitas ambições e anulou d'uma forma quasi fulminante obras realisadas pacientemente, ao cabo de muitos anos e até de muitos seculos.

O que deixou de pé foram as paixões nacionalistas exacerbadas, uma grande ancia de desforra e em todos os grandes estados vencedores, em todas as nações que são os proceres, os primazes da politica mundial, uma grande ambição imperialista.

E' claro que todas as nações que constituiram o bloco aliado, foram para a guerra com o nobre e levantado proposito de combater o imperialismo alemão e desagravar o Direito, a Liberdade e a Justiça. E Deus Nosso Senhor me livre de duvidar de tão cavalheirescos intuitos...

Mas, mesmo acreditando na sinceridade do lema aposto ás signas da guerra das nações aliadas, seja-me licito observar que outros imperialismos coexistiam com o imperialismo tudesco. E' certo que este se fazia sentir poderosamente sobretudo no mundo economico, mercê da densidade de população teutonica, da sua perfeita orga-

nisação do trabalho e do seu esplendido petrechal de produção.

Mas (desculpem a frequencia das adversativas...), não falando já do imperialismo *yankee*, o poderoso imperialismo dos *trusts* e dos seus *dollars*, e o imperialismo moscovita — havia e ha um imperialismo mais vasto, mais extenso e mais infuente em todo o mundo: o magnifico imperialismo britanico.

A Alemanha é uma nação continental, apertada entre fronteiras que não poderiam facilmente alargar-se. A sua influencia militarista e politica por muito intensa que fôse, tinha que ser forçosamente limitada, pouco extensa.

A Gran-Bretanha é uma nação insular e maritima, que domina os oceanos e portanto todas as vias de comunicação internacionaes. E' abrir o mapa e vêr-se-ha, n'um simples lance de olhos, que em todos os mares a Inglaterra tem posições seguras, suas ou de algum aliado que terá de lh'as ceder muito complacentemente, á primeira requisição do *Foreign Office*...

Mas... ha mais e melhor: os mares intercontinentaes, que são, naturalmente, o meio mais facil e mais usado de comunicações comerciaes, estão na posse da Inglaterra. O Mediterraneo, o *Mare nostrum*, o mar latino, pertence-lhe, pois as chaves das duas entradas — Gibraltar e Suez — se encontram em poder da Gran-Bretanha. O Mar Vermelho, a via de comunicação para o Oriente asiatico, é tambem um grande lago inglez, cujas aberturas — Suez e Aden — a Inglaterra conserva ciosamente.

A Europa latina bateu-se heroicamente, sacrificando a flor da sua mocidade nos campos varridos pela metralha. O resultado do seu sacrificio foi, porém, tal, que parece ter-se batido apenas para que a Gran-Bretanha conserve muito seguras na sua mão as portas do *Mare Nostrum*, o formoso mar latino, e para que pudesse montar um posto de sentineia em Galipoli, á entrada do Mar Negro...

Estou-me distanciando, sem querer, do ponto que me propunha versar n'esta ligeira cronica.

Depois da guerra, os estados imperialistas continuarão

a seguir a mesma politica de expansão e grandeza? Sem duvida.

Resta saber se o poderão fazer. A Alemanha e a Russia estão momentaneamente postas de lado. E as outras potencias?

A Inglaterra mantem o seu logar de nação primaz no globo, embora além-Atlantico esteja avultando o poder rival, a impante republica *yankee*. A França é actualmente a primeira potencia politica do continente europeu.

E poderá se-lo por muito tempo? E' de crer que não. O imperialismo é uma função da população e a população franceza decresce pavorosamente.

O *Journal Officel* dá sobre o movimento populacional francez numeros que podem reduzir-se ao seguinte mapa:

	Casamentos	Div.	Nados vivos	Nados mortos	Fallecimentos	Exced. nasci.
1921 —	456.221	32.557	813.396	37.809	696.373	117.023
1922 —	383.220	27.634	759.846	34.854	689.257	69.589

Estes algarismos são terrivelmente eloquentes e denunciam a gravidade que atingiu a ruina demografica franceza.

E' verdade que a França perdeu na guerra cerca de 1.500.000 homens, que seriam, por hypotese, outros tantos chefes de familia. Os outros paizes, porém, estão-se refazendo das perdas humanas sofridas.

A Alemanha recuperou em 1921 a sua natalidade de 700.000 nascimentos. A Italia, que em 1918 tinha um *deficit* formidavel de 510.000 nascimentos, conta já o *superavit* magnifico de 450.000 nados vivos. A Inglaterra está-se aproximando tambem da sua natalidade de antes da guerra: 390.000 nascimentos de excesso em 1921 e 293.000 em 1922.

Os paizes de natalidade copiosa vão ocupando o mundo e vão-se fornando senhores da riqueza economica do globo. A Alemanha está refazendo o seu instrumental de trabalho com tal ancia, que a industria germanica produz já mais que a franceza e que a Ingleza. Além d'isso os seus filhos estão invadindo as nações vencedoras, como

engenheiros, como caixeiros, etc. Pode dizer-se que na Europa meridional, exceptuada talvez a França, não ha nenhuma grande instalação industrial que não tenha cooperação alemã a trabalhar na sua montagem e funcionamento.

A Italia tem um tal excesso de população que está povoando a margem norte do Adriatico e os paizes da Africa septentrional, não só a Tripolitana, mas o Egypto e a Tunisia, a Argelia e Marrocos.

O sr. *Rufo Ruffo* publicou no *Il Popolo Nuovo*, orgão do partido popular italiano, um largo programa de reforma constitucional do Estado. N'esse programa diz o sr. Ruffo que a Tunisia, separada da Sicilia por poucas horas de navegação, é o apendice demografico da Italia. E salientando o trabalho italiano n'aquella possessão franceza, declara que na zona franceza da Africa mediterranica vivem 150.000 italianos, além de 50.000 que existem no Egypto.

Quid inde? — perguntará o leitor.

Inde..., como o imperialismo é função da população, infere-se sem grande esforço que a França não poderá conservar por muito tempo a supremacia no continente europeu.

E parece-me que não é pouco. Talvez o artigo haja saido um pouco extenso, mas, salvo melhor juizo, o assunto versado não é desinteressante e os leitores da *Revista Portugueza* poderão comprehender assim que as transformações que o mundo vae tendo desde o termo da guerra serão maiores e mais importantes do que á primeira vista poderá parecer.

Correia Marques.

A "Revista Portuguesa,, começará a publicar brevemente artigos sobre o movimento artistico e litterario do Porto e entrevistas com artistas e escriptores da mesma cidade